

## NA PRETENSÃO DO NOVO, A PRESENÇA DO VELHO: A PRÁTICA DISCURSIVA E A IDENTIFICAÇÃO G0Y EM QUESTÃO

**Héilton Diego Lau** – heliton.diego@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-9085-0495>

**Wellton da Silva de Fatima** – malcon.welton1@gmail.com

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-0526-5396>

**RESUMO:** As noções de gênero e sexualidade discutidas a partir da perspectiva de Butler (2013) já nos fazem pensar a distinção do discurso da medicina em relação ao discurso do próprio sujeito: natureza x cultura. Para uma teoria materialista do discurso de linha francesa, a noção de gênero é determinada pelo viés ideológico (ORLANDI, 2017). A partir da aproximação dessas noções, muitos trabalhos têm discutido abordagens e posicionamentos referentes ao aspecto não-cisgênero e/ou não-heterossexual. Em nosso caso, fazemos aproximação da noção de gênero, tanto da perspectiva da teoria *queer* quanto da discursiva, para analisar os dizeres de um homem cisgênero homossexual que, em uma entrevista concedida ao *Huffpost Brasil*, se autoidentifica como g0y. A “identidade” g0y, no entanto, de acordo com o próprio movimento político-ideológico, define-se mediante a prática de um homem heterossexual que pode sentir atração por outros homens, embora não lhe seja permitido o namoro com parceiros do mesmo gênero e, tampouco, a prática sexual anal. Assim, a partir de sequências discursivas recortadas (ORLANDI, 1984) da supracitada entrevista, mobilizamos a noção de posição-sujeito (PÊCHEUX, 2014b [1975]) para observar o processo de identificação e desidentificação do sujeito no discurso sobre/com sua sexualidade em face ao movimento g0y e, também, a noção de interdiscurso (ORLANDI, 2013), remetendo os dizeres do sujeito às redes de memórias que permitem que suas palavras façam sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de discurso; g0y; identificação; práticas discursivas.

### 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos discursivamente uma entrevista, concedida ao *Huffpost Brasil*<sup>1</sup>, de Joseph Campestri, pessoa que se autoidentifica, em termos de práticas sexuais, g0y e divulgador do, assim por ele chamado, movimento, na internet. Interessa-nos, sobretudo, os modos pelos quais se atribuem sentidos para a(s) sexualidade(s), operando processos de identificação e desidentificação e, também, a maneira como, pela ordem da língua em sua relação com a historicidade, sentidos retornam como memória, fazendo-se significar os dizeres do/sobre o movimento g0y de uma forma e não de outra.

Para fazer trabalhar a questão acima proposta, tomamos como base a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, mais propriamente aquela filiada aos domínios teóricos inaugurados por

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/cyDSen>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

Michel Pêcheux (2014a [1969], 2014b [1975]), na França, continuada e rediscutida por diversas autoras e autores também no Brasil, como Orlandi (1993, 2011).

Buscando, portanto, perceber a produção dos sentidos para a sexualidade na supracitada entrevista, propomos, para este artigo, a seguinte divisão: além desta introdução, situamos o terreno teórico-metodológico do qual partimos para esta análise; logo depois, fazemos algumas reflexões acerca do nosso objeto – a produção dos sentidos tendo como mote os dizeres formulados por Joseph Campestri, em sua posição-sujeito, na entrevista; em seguida, analisamos os processos de identificação e desidentificação do sujeito discursivo *sobre* a prática g0y; trazemos, ainda, análises de recortes da entrevista tematizando a questão das paráfrases na relação com a memória, tendo como fato de linguagem pressuposto as analogias feitas pelo sujeito-g0y no momento mesmo de sua formulação; por fim, tecemos algumas considerações finais com base em nossas análises.

## 2 A TEORIA QUE NOS ANCORA

Conforme dito, tomaremos como terreno teórico e proposta metodológica a AD de linha francesa, tendo como base seu fundador, Michel Pêcheux (2014a [1969], 2014b [1975]), e diversas outras autoras e autores que dão prosseguimento à teoria, também no Brasil. Filiamo-nos à AD por compreender que, pelo seu caráter de disciplina de entremeio (ORLANDI, 2013) e sua constituição na interface entre Linguística, Marxismo e Psicanálise, essa teoria nos permite depreender o funcionamento de determinados processos de semantização, tendo o discurso como relação necessária entre língua e ideologia.

Definiremos discurso como “efeitos de sentidos (e não transmissão de informação) entre os interlocutores”, de acordo com Pêcheux (2014a [1969], p. 82). Isso porque, para nós, o sentido não reside em nenhuma instância da língua, mas se dá no momento mesmo da tomada da palavra pelo sujeito, quando a ideologia intervém na ordem da língua, produzindo-se, assim, um determinado efeito de sentido, o qual, de acordo com Orlandi (2013), pode ser sempre outro.

Mobilizamos, aqui, e consoante a esse postulado teórico, uma noção de sujeito atravessada pelo inconsciente, que se constitui paralelamente ao sentido, sempre inscrito em uma trama discursiva, e submetido à ordem da língua e à ideologia.

É a partir desse sujeito que é o “reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e o reconhecimento do sujeito por si mesmo” (ALTHUSSER, 2008, p. 219) que Pêcheux (2014b [1975]) formula noções importantes de sua teoria materialista do discurso. O autor afirma que “[...] o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especialmente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo de

formações ideológicas [...] e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 149). Para Pêcheux (2014b [1975], p. 150), trata-se de recuperar as “formas travestidas e ‘fantasmagóricas’ inerentes à subjetividade” iniciadas por Lacan e, posteriormente, por Althusser, cada um a seu modo, e com diferentes noções de subjetividade.

O sujeito se constitui determinado pelo Real da língua, que, para Pêcheux (2014b [1975]), é o interdiscurso, pois ele é atravessado pela memória do dizer e esse processo faz com que o interdiscurso seja apagado, provocando um efeito de transparência da realidade. “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma de sujeito*. A ‘forma-sujeito’, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 150, ênfase do autor). Ou seja, a identificação do sujeito ao Sujeito (universal da Ideologia) é vista materialmente na língua.

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 145-146, ênfase do autor).

É dessa forma que notamos a evidência da ordem ideológica. De acordo com Pêcheux (2014b [1975], p. 154-155, ênfase do autor), “caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui *um de seus fundamentos*”. Os processos discursivos se mostram materializados na língua como pensamentos inéditos, o sujeito interpelado se dá de distintos modos que Pêcheux (2014b [1975]) o distingue em duas modalidades. A primeira

[...] consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “*livremente consentido*”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito [...] (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 199).

Pêcheux (2014b [1975]) ao teorizar acerca do “bom sujeito” mantém a elaboração althusseriana (“o discípulo se reconhece no mestre”). Há uma relação entre o sujeito (individualizado) da enunciação e o sujeito universal (da ideologia). Nas palavras de Pêcheux (2014b [1975], p. 199), “o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos ‘em plena liberdade’”.

A segunda modalidade

[...] caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o *sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”*: luta contra a evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 199-200, ênfase do autor).

O “mau sujeito” já não se identifica com a formação discursiva imposta pelo interdiscurso, produzindo assim, contradiscursos (PÊCHEUX, 2014b [1975]).

É a partir desse formulado teórico, portanto, que nos embasamos para discutir os processos de produção de sentido sobre a sexualidade a partir da questão g0y. A seguir, fazemos algumas reflexões acerca deste objeto e, também, trazemos as condições de produção do discurso que enredam o processo discursivo sobre o qual temos nos debruçado.

### 3 REFLEXÕES ACERCA DO OBJETO

O *corpus* que compõe nossa análise advém do, assim dito, movimento g0y. Esse movimento é composto por homens que se identificam como heterossexuais e que, a despeito disso, sentem certa atração pelo mesmo gênero não praticando, no entanto, sexo anal e namoro com outros homens.

Nos termos do próprio movimento trata-se apenas de “brotheragem”, “pegação”, afinal o relacionamento afetivo-social deve se dar exclusivamente com mulheres. O movimento também admite poder abarcar gays, como é o caso de Campestri, sujeito que produz os dizeres da nossa análise, desde que esses não pratiquem sexo anal. A filosofia do movimento é não praticar sexo anal nem com mulheres. No que tange a isso, é importante ressaltar que “definir um g0y é uma tarefa bastante intrincada, visto que suas estruturações identitárias se desdobram em paradoxos associados às corporalidades, aos gêneros, aos desejos e às sexualidades” (THEODORO, 2017, p. 358).

O movimento teve início nos Estados Unidos por volta dos anos 2000 (WIIKI, 2012) e ganhou certa repercussão no Brasil por volta do ano de 2014 (THEODORO, 2017) em notícias a respeito do movimento, sendo a principal fonte do movimento americano o *G0ys.org* e, no Brasil, o *Hetero G0y*.

É importante compreender que a entrevista hospedada no site *Huffpost Brasil* é dada por um homem cisgênero homossexual que se identifica ideologicamente com o movimento. O fato é trazido pelo entrevistador Fernando Nunes, que relata antes da entrevista em si. Isso, por si só, já produz certos deslocamentos acerca da maneira como analisamos tais dizeres. Trata-se aqui de considerar que, nos movimentos dos sentidos, houve a possibilidade de um sujeito homossexual

se identificar com um movimento que propõe um certo distanciamento da noção de homossexualidade – e, paradoxalmente, em diversos momentos, precisa retornar a essa noção.

Para além da questão temática, é preciso considerar, também, que em uma entrevista, o sujeito está enredado por condições de produção do discurso que fazem trabalhar uma certa forma do dizer. Dessa forma, já esperávamos o caráter explicativo – didático – sobre o movimento e as comparações dessa forma de prática sexual – a g0y – com outras. Nosso interesse, no entanto, não se volta para as comparações em si, mas pela maneira como o sujeito, em sua posição, precisa se submeter a essas comparações para dizer sobre seu movimento e, nessa trama discursiva, ao reivindicar o diferente, o novo, faz, justamente, retornos a espaços do dizer já conhecidos (e talvez superados, diga-se).

Recortamos da entrevista, tal como propõe Orlandi (1984), por meio de sua noção de recorte, cinco sequências discursivas sobre as quais fazemos dois tópicos de discussão que, apesar de estarem aqui organizados separadamente, estruturam o processo discursivo sobre o qual nos debruçamos.

No primeiro tópico, a seguir, dedicamo-nos à compreensão da maneira como se dão os processos de identificação e desidentificação a partir dos dizeres formulados por Campestri, em sua posição-sujeito, sendo entrevistado acerca da temática g0y.

#### 4 A FORMA-SUJEITO DO G0Y

Conforme comentamos na introdução, analisamos, aqui, os dizeres de Joseph Campestri, que se autoidentifica como g0y, em busca dos efeitos de sentido produzidos em/a partir de seus dizeres. Esta prática/movimento, comentada mais acima, nos ajudará a entender o nosso gesto de análise aqui proposto.

Apresentamos, a seguir, as sequências discursivas (SD) em que se baseiam nossa análise. Na SD1, Campestri é questionado sobre sua orientação sexual:

SD1: *Considero-me homossexual. É interessante dizer que o movimento foi iniciado por heterossexuais não normativos e que eles são a maioria, entretanto, dentro do movimento a orientação sexual é irrelevante, reconhecemo-nos como g0ys independente se nos relacionamos mais com homens, com mulheres ou com os dois sexos (ênfase nossa).*

E a SD2, que se formula a partir da indagação sobre a possibilidade de um relacionamento homoafetivo, mediante, ainda, o fato de ele se declarar um homem homossexual:

SD2: Por minhas razões pessoais, a filosofia g0y não influencia as opiniões dos que se reconhecem como g0ys. Identificar-se como g0y é diferente de

“converter-se”. Identificar-se é ver a semelhança, observar que suas ideias, seus princípios são os mesmos das outras pessoas. “Converter-se” é aceitar algo exterior e que pode ir de contra aos seus princípios. Eu posso sim considerar um relacionamento com outro homem, mas não nos moldes do casamento heterossexual (ênfase nossa).

Na SD1, notamos a identificação referente à sua orientação sexual como não-normativa, ou seja, homossexual, pois a sociedade crê que toda a humanidade é heterossexual, que Butler (2013) denomina isso como “matriz heterossexual”. Assumir uma identidade não-heterossexual e/ou não-cis é um ato político em um país que mais mata pessoas não-heterossexuais e não-cis; bem como não sentir vergonha de uma orientação considerada desviada da norma. Porém, seguindo com a entrevista, Campestri fala que o movimento foi iniciado por “heterossexuais não normativos”, o que inscreve seus dizeres em uma formação discursiva (FD), definida como “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e de ver dito” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 146-147, ênfase do autor), ligada ao movimento g0y, o que contrapõe com a FD anterior ao assumir sua homossexualidade, pois neste movimento, “heterossexuais não normativos” são “maioria”, o que também provoca um efeito de sentido que (re)discute o conceito de Butler (2013), em que o sujeito “automaticamente” é heterossexual, “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gênero e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2013, p. 24). Porém, a formação ideológica (FI) desse movimento não compactua com o pré-construído de heterossexualidade que dispomos na/da sociedade: sentir atração *apenas* pelo gênero oposto.

Ao retomar em seu discurso a história (memória?) do movimento g0y, Campestre se inscreve na FD majoritária, em que, se tratando em termos discursivos de gênero e sexualidade, apaga e silencia (ORLANDI, 1993) os discursos de sujeitos que se inscrevem na FD minoritária. A identificação do sujeito discursivo no início da SD1 se inscreve na FD minoritária, mas logo aparecem contradiscursos sobre esta e se inscreve na FD majoritária, pois “dentro do movimento a orientação sexual é irrelevante”. G0y não é orientação sexual, mas também não pode ser identidade de gênero, pois essas questões são distintas, de acordo com Butler (2007, p. 155): “a construção do sexo não mais como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos”.

Ainda discutindo a questão de gênero e sexualidade, Butler (2007, 2013) nos apresenta o conceito de performatividade que não é um ato singular ou deliberado, mas como prática reiterativa e citacional, pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia; “formas” de como ser “homem” e “mulher”. Porém, quando o sujeito que se identifica como homem tem atração por outro homem,

veste roupas consideradas femininas, “fura” essa performance, fazendo com que as demais pessoas tentem encaixá-lo no feminino para “suprir” essa fuga, por exemplo.

A grande preocupação da autora é tentar pensar o modo como a palavra “gênero” vai sendo usada por vários autores da filosofia, da psicanálise, e o modo como isso vai reorganizando a maneira como as pessoas pensam o *sexo* como uma questão biológica e *sexualidade e identidade de gênero* como uma questão mais cultural, social. É nesse mapeamento que ela está tentando mostrar que, principalmente as autoras da década de 60 e 70 vão aproximando a ideia de gênero de uma ideia mais biológica, associando mais gênero a ideia de sexo.

Assim, podemos considerar que “sexo”, nesta questão, é algo atribuído à natureza, que é controlado, regulado e normatizado pelo corpo. Esse sistema dita normas sobre esse corpo. Porém, segundo a autora, por mais que haja essa regularidade dos corpos, ela não é nunca completa. Havendo as instabilidades, essa lei regulatória acaba se voltando contra o próprio sistema. Dessa forma, é possível refletir na problematização dos corpos cis e trans. Por exemplo: por que é falado que uma mulher trans quando aplica silicone está deformando seu corpo, sendo que esse mesmo discurso não é voltado à mesma prática feita pela mulher cis? (LAU, 2018).

A autora também fala sobre a performatividade utilizando como exemplo a *drag queen*, em que ilustra o nosso entendimento sobre o que é feminino e masculino, numa questão identitária de gênero: é uma construção que foi naturalizada, pois, ao mostrar um corpo biologicamente masculino com adereços femininos, rompe a norma, ainda mais que a *drag queen* se apropria de adereços considerados femininos, mostrando que é possível notar/questionar a construção social do que é considerado feminino e masculino (BUTLER, 2013).

Outro exemplo discursivo que Butler (2007) nos traz pelos atos de fala, da performatividade, é a respeito da comunidade médica:

Consideremos a interpelação médica que apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou em uma “ela”: nessa nomeação, a garota *torna-se* uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse *tornar-se garota* da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, para reforçar ou contestar esse efeito naturalizado. A nomeação é, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma (BUTLER, 2007, p. 161, ênfase da autora).

Assim, podemos trazer o paradigma sexo-gênero-corpo-desejo (BUTLER, 2013) para pensar a prática sexual do Sujeito-G0y x Sujeito-Hétero:

**Tabela 1** – Paradigma sexo-gênero-corpo-desejo do Sujeito-Hétero e do Sujeito-G0y

Sexo designado a nascer	Identidade de gênero	Orientação sexual	Orientação romântica	Apresentação/expressão de gênero
Masculino	Masculina	Feminina	Feminina	Homem cis heterossexual heterorromântico
Masculino	Masculina	Feminina e masculina	Feminina	Homem cis bissexual heterorromântico

Fonte: Os autores.

A tabela é dividida em cinco colunas: *sexo designado ao nascer* que pode ser: feminino, masculino ou intersexo; *identidade de gênero* que pode ser: feminina, masculina ou travesti; *atração sexual* que pode ser: homossexual, heterossexual, bissexual, assexual e pansexual; *atração romântica* que pode ser: homorromântico, heterorromântico, birromântico, arromântico e panromântico; e por fim, a *apresentação/expressão* que, de maneira geral, é como a pessoa se vê e se expressa, independente do estereótipo construído pela sociedade, como roupas, acessórios designados “masculinos” ou “femininos” etc. (LAU, 2018). Também é o “resultado” do paradigma proposto.

No caso da nossa análise, trabalhamos apenas com o discurso do Sujeito-g0y, ou seja, da FD dominante, a ideologia do movimento e do sujeito-g0y, que são os discursos do sujeito da análise em si. A FD dominante do Sujeito-g0y é um homem heterossexual (cisgênero), que têm relação afetivo-romântica apenas com mulheres e relação sexual com mulheres e homens, mas com estes últimos, sem penetração. Dessa forma, podemos observar que ampliando o leque do paradigma de Butler (2013), separando a atração sexual da afetivo-romântica, é possível um efeito de sentido sobre o discurso g0y. Sendo assim, considerando que o sujeito ao nascer, a comunidade médica, por meio do órgão genital, o “classificou” como homem e ao crescer se autorreconhece como um, sendo um homem cisgênero; sua atração sexual é tanto por mulheres como por homens, sendo bissexual, mas sua atração afetivo-romântica é apenas por mulheres, ou seja, heterorromântico; que, no final das contas, se apresenta como homem cis bissexual heterorromântico, diferente do sujeito heterossexual que temos como pré-construído, que sente atração afetiva e sexual apenas por mulheres. Um efeito de sentido gerado no nosso gesto de análise é que a identificação do Sujeito-g0y como heterossexual é justificada pela romanticidade e silenciada a atração sexual, por isso é dito que é heterossexual e não bissexual. Em termos discursivos, é a política do silêncio que “se define pelo fato de ao dizer algo apagamos necessariamente outros



sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1993, p. 75). Para Orlandi (1993), a política do silêncio é dividida em duas: o silêncio constitutivo e o silêncio local. Este primeiro

[...] pertence à própria ordem de produção do sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o anti-implícito: *se diz “x” para não (deixar) dizer “y”*, este sendo o sentido a se descartar do dito. *É o não-dito necessariamente excluído*. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando consequentemente os limites do dizer (ORLANDI, 1993, p. 75-76, ênfase nossa).

Já o silêncio local é a interdição do dizer: “[...] proibem-se certas palavras para se proibirem certos sentidos” (ORLANDI, 1993, p. 76). A posição-sujeito do Sujeito-g0y é o silêncio constitutivo da bissexualidade, pois “dentro do movimento, a orientação sexual é irrelevante”, mas está significando e produzindo sentidos.

[...] na formulação, textualização do discurso, há espaços de interpretação e de construção de sentidos que são descontínuos, impalpáveis, e que resultam quase invisíveis na formulação. Mas funcionam produzindo efeitos de sentidos (ORLANDI, 2017, p. 204).

Já na SD2, pela pergunta do entrevistador considerar um relacionamento homoafetivo, Campestri afirma que “identificar-se como g0y é diferente de ‘converter-se’”, o que nos mostra seu discurso inscrito na FD dominante e contradiscursos com a FD minoritária, especialmente pela palavra “converter-se”, que essa palavra traz memórias acerca da homossexualidade como escolha, em outros termos, “opção sexual”. Notamos cargas ideológicas distintas em “identificar” e “converter” no discurso de Campestri: “Identificar-se é ver a semelhança, observar que suas ideias, seus princípios, são os mesmos das outras pessoas”. Este discurso mostra sua identificação plena com a FD majoritária, com o Sujeito-g0y da FI dominante, que, por mais que ele se reconheça como homossexual, isso não é relevante para a “filosofia g0y” como vimos na SD1. Agora: “‘Converter-se’ é aceitar algo exterior e que pode ir de contra aos seus princípios”, ou seja, aqui a homossexualidade, vista como uma escolha, como se ela pudesse ser aprendida/estimulada e esta há um preço a se pagar, pois pode ser contrário aos princípios do Sujeito-g0y, da FD majoritária.

Pelo fato de ser homossexual, ele responde a pergunta do repórter: “Eu posso sim considerar um relacionamento com outro homem, mas não nos moldes do casamento heterossexual”. Aqui, notamos a identificação com a FD minoritária por se reconhecer como homossexual, porém, ao final do seu discurso desidentifica-se dela novamente e volta a identificar-

se com a FD majoritária. Quando ele diz isso ele está em um movimento de “preservação da imagem e do papel social do casamento heterossexual”. Há um movimento de repetição de uma heteronormatividade saturada de incidir sobre a heterossexualidade e vendo a possibilidade de continuar a atuar sobre o controle dos corpos, incidindo também sobre essas “novas” identificações quanto à sexualidade.

## 5 G0Y EM DISCURSO: O MESMO OU O DIFERENTE?

Paralelamente aos processos de identificação – e a eles entrelaçados – discutidos na seção anterior, comparecem como regularidades, também, determinados modos de tomada da palavra que, pela formulação, parecem fazer um retorno a certos espaços do dizer já, em outros domínios correlatos do saber, fortemente engendrados como práticas discursivas.

Para a AD, considerando o discurso como relação necessária entre a língua e aquilo que lhe é exterior, a produção dos sentidos se dá sempre em face às condições de produção que determinam a maneira como, pela ideologia, torna-se possível se servir do interdiscurso no momento mesmo da tomada da palavra pelo sujeito. Ao dizer, determinados por uma FD, inscrevemo-nos em uma rede de memórias em curso, e é por essa rede que se torna possível o retorno de domínios do saber sobre a ordem da formulação, sempre sujeitos à ordem da língua.

Para fazer trabalhar essa questão teoricamente, tomamos o conceito de interdiscurso, tal como o define Orlandi (2013), para reconhecer que todo dizer se sustenta a partir de algo já dito. Diante disso, torna-se possível a construção de uma rede de repetições – que não se dão sem certo deslocamento – que fazem ressoar o “velho” naquilo que se apresenta como o “novo”. Tal concepção teórica se assenta em uma noção de memória lacunar, fragmentada, que tem a incompletude como característica e a possibilidade do retorno como fundamento.

Pensando em investigar, nos processos de identificação g0y no que tange à sexualidade, a maneira como certos domínios do saber retornam sobre a ordem da formulação produzindo sentidos de uma certa maneira, recortamos, da mesma entrevista, mais três SDs que passamos a discutir a seguir.

Ao ser indagado, sobre o molde pelo qual se dá o relacionamento em uma perspectiva g0y, Campestri, a partir de sua posição, diz:

SD3: Casamento é associado a casal e também a acasalamento. Dois g0ys não poderiam ser considerados um casal, homem e mulher, tampouco acasalarem.

Diante de tudo que já discutimos acerca dos processos de identificação do sujeito reivindicando a posição g0y, percebemos que, na ilusão constitutiva de controle sobre si e sobre

aquilo que diz, o sujeito coloca a si mesmo e ao seu movimento como algo novo. Essa nova denominação para a sexualidade se pretende diferente de “tudo o que aí está”. Apesar da negação do tradicional lugar da heterossexualidade, algo da ordem de uma norma faz com que isso que se pretende “novo” refaça um caminho já conhecido nas tensões que constituem as relações entre as sexualidades na nossa formação social. Isto é, de acordo com o que se lê em SD3, percebemos que a ordem binária estruturante das relações de gênero que embasam a heterossexualidade – por meio da heteronormatividade – se fazem presentes nos dizeres do sujeito, fazendo significar o relacionamento afetivo g0y pela perspectiva heterossexual.

Convoca-se, para tanto, um modo de pensar biologizante sobre a condição de relação afetiva dos sujeitos, ao dizer sobre uma noção de casal que se pauta no acasalamento, este último pressupondo, inclusive, a noção de procriação. Não por acaso, tal noção de casal possibilita o retorno de dois domínios do saber que intervém, historicamente, nas questões de sexualidade. Referimo-nos, aqui, ao discurso religioso e ao discurso da medicina e da biologia enquanto ciência, que se valem da, assim dita, prerrogativa “divina” ou “natural” da existência do homem e da mulher em suas – supostas – diferenças.

Diante disso, os dizeres formulados na SD3 produzem sentidos sobre o enunciado dito por Campestri em sua posição-sujeito. Ainda que ele reivindique algo novo em termos de sexualidade, tais dizeres fazem retornar, dadas as condições de produção e relação com a memória, um sentido sobre uma sexualidade que não abre mão da preponderância da heterossexualidade. Automaticamente, esses dizeres que reforçam o estatuto da heterossexualidade, significam, mais uma vez, a homossexualidade – e outras formas ditas não-padrão de se estar na sexualidade – no lugar do erro por meio da negação daquilo que exige o divino e a ordem da natureza.

Seguindo com nosso dispositivo de interpretação, voltamo-nos para a próxima SD, em que demonstramos mais uma regularidade no processo discursivo que aqui discutimos. Ao ser confrontado sobre a afirmação de que o sexo anal é sujo e sobre a possibilidade de, a partir disso, inferiorização da condição gay, formula-se o seguinte enunciado:

SD4: Rejeita-se a prática sexual e não os praticantes.

Para analisar a SD acima, faz-se necessário situar, brevemente, a noção de paráfrase que sustentamos teoricamente. Propondo um deslocamento na noção de leitura, Pêcheux & Léon (2014) [1982], p. 165), alertam para o fato de que “o ‘sentido’ de um texto, de uma frase, e, no limite, de uma palavra, só existem em referência a outros textos, frases ou palavras que constituem seu ‘contexto’”. A perspectiva teórica dos autores diferencia-se radicalmente da noção de intertextualidade, tal como trabalhada nos domínios teóricos da Linguística Textual, pelo fato de

que, para eles, “a análise de discurso se contenta em cercar o sentido de uma sequência (de extensão indeterminada) por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase”. (PÊCHEUX & LÉON, 2014 [1982], p. 165)

Baseando-se nessa relação entre os dizeres posta, teoricamente, por essa noção de paráfrase e retomando o funcionamento do interdiscurso em face às condições de produção em que se dá a entrevista, acenamos para a existência de uma cadeia parafrástica de sentido que se forma paralelamente ao enunciado formulado em SD4. Ao dizer “rejeita-se a prática sexual e não os praticantes” reformula-se o já conhecido enunciado do domínio religioso vastamente evocado para a condenação (ou, pelo menos, não-aceitação) das sexualidades não-padrão “rejeita-se o pecado e não o pecador”. Ambos os enunciados existem em uma correlação de vizinhança, sustentada pelo modo mesmo como o sujeito precisa se submeter à ordem da língua para poder dizer, inscrevendo-se, dadas as condições de produção, em uma determinada rede de memória.

Mais uma vez, o movimento dos sentidos direciona esses dizeres, pelos quais se reivindica e se defende a legitimidade g0y, para a ressonância da condenação, por exemplo, da homossexualidade. Isso se dá, com efeito, pelo retorno que tais dizeres fazem as práticas discursivas que se forjam na/pela heteronormatividade, relegando aquilo que é diferente ao lugar do erro. Novamente, portanto, mesmo pautando-se pelo “novo”, pela repetição do seu discurso, o sujeito, na posição de busca da legitimidade da prática g0y, inscreve-se no lugar do “mesmo”.

Não é apenas no campo de sexualidade, no entanto, que se firma o processo discursivo que, neste trabalho, descrevemos e interpretamos. É o que percebemos, quase no final da entrevista, quando diz-se, ainda, sobre a criação de uma bandeira para o movimento g0y e sobre os pretensos significados dessa bandeira:

SD5: Essa bandeira foi criada por mim, aqui no Brasil, e vem sendo adotada por g0ys de outros países. Não que se vá “levantar bandeira” e fazer uma marcha g0y ou algo do tipo. (risos) Não, a bandeira apenas traz alguns princípios que fazem parte de cada homem que se identifica como g0y. O azul é a cor masculina, e é isto que representa os azuis na bandeira: Azul escuro representa profundidade, intensidade. Azul índigo significa guerreiro por natureza. O branco é a paz, amizade e a cor azul turquesa indica integridade. É importante dizer que o movimento g0y não é um movimento militante, apenas se trata de um grupo que se reconhece e se identifica, uma identidade particular.

O dizeres da SD acima transcrita revelam que atua, também, no processo de significação da, por assim dizer, da prática sexual g0y, a ordem binária do gênero, tal como ela comparece discursivamente em nossa formação social. A respeito das questões de gênero, temos compreendido que

[...] as identificações de gênero configuram as práticas discursivas ao mesmo tempo que se configuram nelas, como efeito de um processo de interpelação complexo e contraditório, no qual as identificações de gênero se articulam a outras identificações nos processos de constituição do sujeito do discurso (ZOPPI-FONTANA & FERRARI, 2017, p. 9-10).

Tendo em vista a teorização das autoras, retornamos aos dizeres da SD5 para compreender a maneira como os sentidos que se materializam a partir da cor azul – e dos dizeres a ela apensos –, e, mais do que isso, como a mobilização desses sentidos dão uma determinada direção para a discursividade que toma corpo a partir da busca pela legitimidade da posição g0y em entrevista.

O azul, historicamente atrelado ao masculino em contraposição ao rosa – cor que supostamente demarcaria o feminino, é exaltado em seu sentido constituído. O processo discursivo vai além, no entanto, da simples mobilização da cor na medida em que vão sendo denominados os diversos tons de azul. Fala-se, portanto, da profundidade, da intensidade, de algo que é “guerreiro por natureza” e da integridade. Tais características vão, sub-repticiamente sendo inscritas na ordem de um masculino que não abre mão da masculinidade. Proporcionalmente a isso, significa-se, também, um outro lugar para o feminino e para a própria feminilidade performada por homens gays, o que, na FD em que se insere esse sujeito que toma a palavra, os afastam do ideário e prática g0y.

Para além dessa ordem binária que se organiza pela materialização dos sentidos sobre as cores, compreendemos, ainda na SD5, alguns elementos que corroboram o raciocínio que temos seguido até aqui. Trata-se do caráter paradoxal desse sujeito, pela AD teorizado, que precisa se submeter à língua, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente.

Para a AD, dizer é já se inscrever em uma rede de memórias. O sujeito, ao dizer que não pretende levantar bandeira, paradoxalmente o faz de duas formas: 1) enredado pelas condições de produção da entrevista, em que se torna necessário explicar, comentar, argumentar e se defender; e 2) enredado pela própria maneira como se dá o campo político da reivindicação do lugar da sexualidade, no qual o ato de levantar bandeira é, além de simbólico, constitutivo.

A pretensa negação de se estar “levantando bandeira”, no entanto, não se dá sem efeitos para o processo discursivo que estamos analisando. Tal negação atua, pela superfície linguística, na pretensão do sujeito em se projetar pela ideia de algo novo ou diferente, mas que, como vimos até aqui, se constitui pelo retorno de espaços do dizer comuns à exaltação da heterossexualidade como norma e pela condenação de outras maneiras de se estar na sexualidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo observado durante a(s) análise(s) que a memória não é cronológica, mas histórica (ORLANDI, 2014), notamos o processo de identificação do sujeito-g0y com a FD majoritária em defesa do movimento e sua desidentificação com a FD minoritária com relação à sua sexualidade.

Nesse processo de interpelação de indivíduo em sujeito, que é chamado à existência (PÊCHEUX, 2014b), comparamos os processos de identificação/desidentificação do sujeito-g0y da entrevista como se estivesse em uma roda gigante:

É o homem da roda gigante que, em cada volta, vê lugares diferenciados e ângulos variados de seu assento lacrado para que não caia. Ele não é o mesmo em cada posição da roda gigante, pois vê o mundo sempre de outro jeito: seja do alto, seja da parte mais rasa; contudo, ele se sente grande, assim como a roda, dono daquele inimaginável que lhe escapa a cada golpe de vista dos movimentos da roda gigante. Ao descer, ele é só mais um na multidão que, como tantos outros, passou pela experiência de sentir-se livre e preso ao mesmo tempo, sentir-se dono e objeto do tempo, do espaço, da história... e também da linguagem. [...] Alguns poderão nos perguntar: mas será então que se desce da roda gigante? Acreditamos que sim. Estar fora da roda gigante, ou seja, observar – de longe ou de perto – os acontecimentos que ali se dão, sentindo-se integrado ou não [...] também faz parte da experiência de “ser sujeito” e acomete a todos (MOREIRA, 2011, p. 111-112).

Podemos observar o sujeito-g0y olhando do alto da roda gigante (quando ele está inscrito na FD majoritária) quando enuncia que para o movimento “a orientação sexual é irrelevante”, como já visto na SD1, que “dois g0ys não podem ser considerados um casal”, como na SD3 e a “rejeição da prática sexual (anal)” na SD4; e, em outros momentos, ele olhando da parte mais rasa (quando ele está inscrito na FD minoritária), quando ele enuncia que “considera-se homossexual” na SD1.

[...] é o sujeito individuado pelo Estado (em suas instituições e discursos) que se identifica. Não se identifica com um gênero, mas com sentidos, com uma formação discursiva, ou seja, com aquilo que em uma conjuntura dada, em uma situação dada, o sujeito pode e deve dizer, significar. Na relação com a ideologia, no funcionamento da memória discursiva [...] (ORLANDI, 2017, p. 210).

A definição dessa prática sexual é complexa, pois mesmo pelo paradigma indiciário de Butler (2013) nos é possível observar um efeito de sentido que sustenta o discurso g0y a partir das condições de produção em uma conjuntura dada. Pensando nas imagens que temos a respeito de homem e mulher, concordamos com Orlandi:

Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. É necessário, com nossas práticas, atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas práticas, atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e, explicitando o modo como

sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito, para contestá-lo, efetivamente, nas práticas sociais. Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas. Por isso, atingi-los é tão difícil (ORLANDI, 2017, p. 211).

Nomear essa prática, esse movimento como g0y é ir em direção ao simbólico com o político, pois busca silenciar a orientação sexual dos sujeitos e ater-se somente ao gênero, por mais que o pré-construído de homem (heterossexual) na nossa sociedade não seja a imagem de que ele possa beijar outro homem, bem como foi mostrado o início do movimento, “com heterossexuais *não normativos*”, visto na SD1. O papel social do gênero masculino heteronormativo é revisto no movimento g0y. “Como se o sujeito pudesse autodeterminar-se em que a linguagem, em sua ordem, funcionasse apesar de nossas vontades. [...] A crença no nome esquece que tudo é sujeito à interpretação e à ideologia” (ORLANDI, 2017, p. 214).

## 7 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LAU, Héilton Diego. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

MOREIRA, Raquel Ribeiro. **“Meninos do CENSE” – as relações de estigmatização, violência e disciplinarização de adolescentes em conflito com a lei internados**. 325 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11 ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, tu, ele: discurso e real da história**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 34, p. 75-86, jul./dez. 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Segmentar ou recortar? **Série Estudos**, Uberaba, v. 10, p. 9-26, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a [1969], p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b [1975].

PÊCHEUX, Michel; LÉON, Jacqueline. Análise sintática e paráfrase discursiva. [1982]. In: ORLANDI, Eni P. (org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 2014.

THEODORO, Hadriel Geovani da Silva. Da filosofia à identidade g0y: uma análise do site [www.heterogoy.webnode.com](http://www.heterogoy.webnode.com). **Periódicus**, Salvador, n. 8, v. 1. p. 357-371. nov. 2017-abr. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/r6r4gg>>. Acesso em: 17 set. 2018.

WIKI, Flavio Braune. Os g0ys: religião, sexualidade, gênero e identidades homoeróticas na contemporaneidade. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Uruguay, v. 2, n. 2, p. 66-83, nov. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/YKy1Pc>>. Acesso em: 17 set. 2018.

ZOPPI-FONTANA, Mónica G.; FERRARI, Ana Josefina. Apresentação. In: ZOPPI-FONTANA, Mónica G.; FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia**. v. 1. Campinas, SP: Pontes, 2017, p. 7-19.



***Title***

In the pretension of the new discourse, the presence of the old one: the discursive practice and the g0y identification in question.

***Abstract***

The notions of gender and sexuality discussed from Butler's (2013) perspective already make us think the distinction of the medicine's discourse in relations to the subject's own discourse: nature vs. culture. For a materialist theory of French line discourse, the notion of gender is determined by ideological bias (ORLANDI, 2017). From the approach of this notions, many papers have discussed approaches and positions regarding the non-cisgender and non-heterosexuals aspects. In our case, we approach the notion of gender, both from the perspective of queer theory and also discursive, to analyze the statements of a homosexual man who, in an interview to *Huffpost Brasil*, self-identifies as g0y. The "identity", however, according to the political-ideological movement itself, is defined by the practice of a heterosexual man who may be attracted to other men, although he is not allowed to date with partners of the same gender and nor the anal sex practice. Thus, from the discursive sequences cut (ORLANDI, 1984) from the mentioned interview, we mobilize the notion of subject-position (PÉCHEUX, 2014b [1975]) to observe the process of identification and desidentification of the subject in the discourse about/with his sexuality in face of the g0y movement, and also the notion of interdiscourse (ORLANDI, 2013), referring the subject's saying to the networks of memories that allow his words to make sense.

***Keywords***

Discourse Analysis; g0y; identification; discursive practices.

---

Recebido em: 31/10/2018.

Aceito em: 16/11/2018.